

## A ROMÃ — UM DOS SÍMBOLOS DA MAÇONARIA UNIVERSAL

*COLUNA* é uma palavra de origem latina que significa sustentáculo. Dentro do Templo maçônico na várias formas de colunas: as arquitetônicas, dórica e jônica e, outras que expressam presença real (as colunas do Norte e do Sul) e as colunas mentais (Sabedoria, Força e Beleza).

Temos, portanto, que o simbolismo das colunas Representa o alicerce sobre o qual se sustenta o próprio Templo, a própria Loja sempre em direção a harmonização com o Grande Arquiteto do Universo. À entrada do Templo no Pórtico, encontramos as duas colunas do Átrio, denominadas B e J.

Inúmeros são os simbolismos encontrados na Literatura sobre estas, no entanto, um deles que essas colunas significam a dualidade existente em cada ser humano, representado os nossos solstícios interiores, o físico e o espiritual, a matéria e a energia, ou ainda, a substância e a essência.

Essas duas colunas sustentam no ápice de seus capitéis um idêntico conjunto de três romãs dispostas na forma triangular a ornamentá-las.

Maconicamente, essas colunas expressam que os maçons, em sua dualidade física e espiritual, são o sustentáculo da Maçonaria Universal aqui representada pela romã.

A ROMÃ, cujo nome científico é *Punica Granatum*, é o fruto da romanzeira, arbusto originário da Ásia Ocidental, que quando cultivada e podada transforma-se em uma árvore que pode atingir aproximadamente três metros de altura. Suas raízes são tóxicas e bastante ramificadas. Sua madeira é muito resistente, apesar de delgada e fina. Suas folhas são brilhantes e alongadas. Seus ramos são harmonicamente distribuídos em copas proporcionais. Têm extrema adaptabilidade a qualquer clima. O período de frutificação é relativamente longo, sendo que em nossas terras, começa em dezembro e pode chegar até abril. Uma boa árvore pode produzir até 50 quilos de frutos.

A ROMA é um fruto apetitoso, tem forma arredondada, cores vivas, porém opacas, e casca muito resistente. Deriva de uma flor vermelha-coral em forma de coroa que, paradoxalmente, a acompanha enquanto fruto. Sua polpa tem sabor agridoce devido à composição cítrica misturada com um açucarado envolvente e é constituída de uma trama perfeita de centenas de grãos rubros alojados em muitas cavidades primorosamente subdivididas como se cada um desses frutos fosse o resultado de um exaustivo trabalho artesanal.

Apesar de ser considerado um fruto de pouco interesse comercial, sabemos que se presta à produção de perfumes, tintas, licores, vinhos, além de grande utilização na culinária. Todavia, a sua utilização na medicina popular é por demais conhecida: a casca de sua raiz é usada como eficiente vermífugo, enquanto a casca do fruto é excelente bálsamo para problemas do aparelho digestivo.

Essa planta e fruto milenares têm atravessado os tempos marcados pela tradição de sorte, fartura, cura, mas principalmente de simbolismo, misterioso e muita magia.

No Livro da Lei, inúmeras são as referências à romã: em Êxodo (29:31 a 35), em Números (13-23 a 20:5), em Reis (7:8), em Crônicas (4:13), no Livro dos Cânticos (4:3, 8:2 e 16:11), em Jeremias (52:22), no Livro de Samuel (14:2).

Por tanto, observe-se o forte conteúdo simbólico contido.

Assim, a Maçonaria Universal também adotou a ROMÃ como um de seus símbolos, sendo que muitas são as analogias existentes entre a nossa Ordem e esse histórico fruto, das quais resumidamente podemos citar:

- "As sementes da ROMÃ são o símbolo da fraternidade maçônica, como também da união e da solidariedade: todas iguais, estreitamente unida, apoiando-se umas nas outras, agrupadas por lojas, representadas pelo fruto como um todo".

- "A ROMÃ simboliza também a harmonia do povo maçônico que, por mais multiplicado que seja, constitui uma mesma família, porque com as sementes apoiadas reciprocamente é que o fruto toma sua verdadeira forma."

Como as, ROMÃS, dentro de nossas lojas somos as sementes, maiores, menores, de aparências diversas, de aspectos diferentes, de pensamentos próprios, nem mesmo professando a mesma religião, mas unidos em torno de uma verdade, unidos pelo sentimento pelo mesmo espírito que é a seiva nutritiva da vida maçônica e que é representado pelo GADU.

"As Romãs podem ainda ter simbolismo equivalente ao FEIXE DO ESOPHO, pois da mesma forma que uma lasca de lenha é fácil de ser quebrado, um feixe de lascas não o é; assim, a união de todas as frágeis sementes faz desse fruto um dos mais fortes e resistentes, que mesmo sendo esmagado mantém por muito tempo sua tonalidade natural, parecendo isento à corrupção da matéria. Pode secar, mas dificilmente apodrece."

"Mas na MITOLOGIA CLÁSSICA, encontra-se os maiores simbolismos para a ROMÃ..."

DIZ A FÁBULA QUE...

... PERSÓFONE, filha do deus Júpiter e de Céres, deusa da Agricultura e da Fertilidade, num dia em que colhia flores foi raptada por Plutão, que através de uma fenda aberta na terra a seqüestrou. Plutão era um entre os doze grandes deuses, irmão de Júpiter e de Netuno, e havia ganhado em partilha com seus irmãos o Reino dos Infernos. Era um deus feio, severo, temido e até odiado e por causa, sobretudo da tristeza do seu império das profundezas, nenhuma deusa havia consentido em associar-se à sua coroa. Foi por isso que Plutão resolveu raptar Persófone e torná-la sua esposa.

Céres, mãe de Persófone, desesperada percorre o mundo procurando pela filha, sem encontrá-la. Sendo a deusa da Agricultura e da Fertilidade e imaginando que a filha houvesse sido tragada pela terra, amaldiçoou o solo, tornando-o estéril. Plantas e animais morreram e as sementes não germinaram. Para fazer voltar à fecundidade a Terra, Júpiter pediu a Plutão que, devolvesse Persófone à sua mãe. Porém, enquanto esteve no mundo dos infernos, Persófone havia comido, por oferta de nutão, seis grãos de romã, fruta que simbolizava o casamento. Ao comer essas sementes, Persófone, sem saber, tinha contraído núpcias com Plutão e agora não as podia desfazer.

No entanto, Júpiter conseguiu um acordo com Plutão mediante o qual Persófone poderia passar dois terços de cada ano com sua mãe e o restante com o marido. Enquanto Persófone viveu com Plutão a Terra tornou-se fria e estéril, refletindo a infelicidade de sua mãe. Mas a partir do momento em que mãe e filha voltaram a viver Juntas, as plantações floresceram novamente.

Nessa fábula, a ROMÃ é apresentada como centro simbólico gerador de uma série de situações subseqüentes. Representa o casamento, a fertilidade, a fecundidade e funciona como um verdadeiro amálgama afetivo, criador de laços indissolúveis. Além disso, a romã atua nesta lenda como uma ponte de ligação entre a Luz e a Treva, o Bem e o Mal, a Sabedoria e a Ignorância, a Vida e a Morte.

Poderíamos até confrontar, simbolicamente, o episódio da descida de Persófone aos infernos, causando a esterilização do solo e a dizimação das colheitas, e sua posterior volta à superfície da terra originando a recuperação da fecundidade da terra, poderia ser considerada alegoricamente equivalente à iniciação, quando maçons, vendados e perdidos nas trevas da Câmara das Reflexões, e de certa forma mortos para depois emergirem para a luz e para a sabedoria de uma nova vida.

A ROMÃ é uma e ao mesmo tempo múltipla. Seus grãos são brilhantes, unidos e úteis, cada um ocupando seu lugar harmonicamente no espaço que lhe é reservado dentro do seu compromisso, como nós maçons.

A ROMÃ, à primeira vista, parece despojada e desprovida de atrativos, com sua casca áspera, dura e de cor triste, inacessível e quase impenetrável, tal qual a própria Maçonaria.

Quem já tentou abrir uma romã sabe como isto é difícil. Normalmente é preciso que ela própria se abra espontaneamente e assim nos mostre em seu devido tempo seu magnífico interior, convidando-nos a adentrar aos seus mais ocultos recantos, recheados de beleza, de cor e de sabor.

Assim, também é a Maçonaria, hermética e inacessível, quase impenetrável para os que a olham de longe, mas extremamente sedutora e bela para aqueles que se decidiram, a olhar pelas aberturas que ela própria lhes oferece. Estes são os escolhidos e a eles é permitido ver e viver a extraordinária beleza interior que se descortina aos iniciados. Beleza que vai aumentando na medida em que os mistérios vão sendo desvendados, com o tempo, com o polimento da pedra bruta, com engrandecimento do espírito, da mesma forma como acontece com o lento e progressivo amadurecimento da Romã, até finalmente expor seus brilhantes e delicados grãos, tal qual, pequenas pedras polidas.

Aqueles que não se deixam desanimar pelas dificuldades do acesso merecerão a oportunidade de penetrar dentro da Romã chamada MAÇONARIA.

Março de 2003

Carlos Ismael Raposo da Câmara

Lótus Verde